

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

Hélio Ioiô Labontê

**TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS DO POVO PALIKUR DO OURUKAUÁ:
contatos, evangelização e escolarização em processo**

OIAPOQUE-AP

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

Hélio Ioiô Labontê

**TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS DO POVO PALIKUR DO URUKAUÁ:
contatos, evangelização e escolarização em processo**

Trabalho de conclusão de curso apresentado á banca examinadora como requisito obrigatório para a obtenção do grau em Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade Federal do Amapá no Campus Binacional de Oiapoque, sob orientação do professor especialista Ramiro Esdras Carneiro Batista.

**OIAPOQUE-AP
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS DO POVO PALIKUR DO URUKAUÁ:
contatos, evangelização e escolarização em processo**

Data da aprovação: 15 / 10 / 2015

BANCA EXAMINADORA

**Professor Esp. Ramiro Esdras Carneiro Batista
Presidente e Orientador**

**Professora Dra. Carina dos Santos Almeida
Membro e Avaliadora**

**Professor Dr. Gean Carlo Livman Frabetti
Membro e Avaliador**

OIAPOQUE-AP

2015

“Agora posso escrever tudo o que está no meu coração.
Assim não vou esquecer. Até os netos dos meus netos
também vão ver o que eu escrevi.”

(Aldiere Orlando/Palikur do Urukauá)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a meu bisavô ***Serenêncio Ioiô***, que em Palikur se chama ***Segenix Wayvuyene***. Ele foi á primeira liderança Palikur do Rio Urukauá a receber a educação escolar na aldeia Sawarãp.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo estudar a História da Educação Escolar no Rio Urukauá percebendo as influências do contato; das dinâmicas de interação interétnicas e do advento do protestantismo no caminhar histórico e escolar do povo Palikur. O trabalho foi realizado a partir da análise de informações dadas pelos narradores, memória viva do povo Palikur com a gravação de entrevistas. A pesquisa baseia-se também no trabalho de conclusão de curso do Palikur Ivanildo Gomes (2011), estas comparadas com a perspectiva teórico-histórica de Antonella Tassinari (2003) e histórico-antropológica de Artionka Capiberibe (2007). O estudo aborda a recepção da escola como instrumento de fortalecimento e manutenção da identidade e de valores étnicos a partir do ensino na língua materna, não somente na oralidade, mas também na escrita. Além disso, o trabalho propõe uma reflexão sobre a imagem que a coletividade de povos indígenas do Oiapoque tem sobre a história da escolarização entre o Povo Palikur.

PALAVRAS-CHAVE: História. Educação. Evangelização. Escolarização. Palikur.

ISIHAKI

Inin givetun anivwit adahan pisenwahvye inin annut, in adahanikwa kanuhwene amin inetitap amin kanuhwaki kanuhweket aviku warik Arukwa, ivegmina inereviyene gimihawan awerewni akak givataknikis; amin mukusaki kehni avanenekwa ahawna mpuse ignes pahabunene hiyegviyene hawwata nidawnhan Uhokri giwn inetit amin niwewni, hawwata kanuhweket gibetkis parikwene arukwayene. In anivwit kehpika avitihpi iwasamnika ini tihmavanawka ikehpkan givitkis kinetihwakevutnevwi kinetihwa amin, ini gihiyakemnikis ivegnene gidahan nuhiyegavu Parikwene Arukwayene akak ini kamaxka amun ayaptaki. Inin yawayaki ahehwa hawwata amin pisenwahvye anivwit annut gidahan Arukwayene Ivanildo Gomes (2011), in ahehka ahivak akak ini akki annut inetitapka-kabaytiwiye avitihpi gudahan Antonella Tassinari (2003) hawwata inetitapka kanuhwaki giminkis hiyegviyene kehka gavit Artionka Capiberibe (2007). In kanuhwaki manpusemni amin amavaki ini kanuhweket kusamah in kewa arigbe adahan aykna madikte kihawnehne hawwata adahan nikavriwten madikte ukitahniwi payak akak gawayghi mpuse pahabunene in ayhta ariwntak kanuhwaki amin wonavrikwi, ka inewatma awnaki, heneme hawwata adah aniriki. Ariwnteke inin, in anivwit ikaksa ivegminaki amin giwkis muwavwite ignes parikwene Uyapkunyene amin inetitapka payak akak amin gikanuhwankis parak ignes nuhiyegavu Arukwayene.

WIT-IGAGKI: Inetitap. Kanuhwaki. Ekenewvwi Uhokri Giwn. Kanuhwene. Arukwayene.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. INETITAP MINIKWAK: HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DO POVO PALIKUR NOS TEMPOS DA INVASÃO	11
1.1 Palikur nos séculos XVII e XVIII	15
1.2 Educação do Povo Palikur antes de existir a escola	17
2. INETITAP AVIMINIM: HISTÓRIA RECENTE E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO ENTRE O POVO PALIKUR	20
1.3 A chegada do Evangelho	23
1.4 As mudanças no modo de ocupar a terra e a chegada da escola	27
3. HISTÓRIA DA ESCOLA PALIKUR CONTADA PELOS MAIS VELHOS: MAWIHI, KAMUYA e AMOMNI	30
1.5 A Aldeia Mawihi	30
1.6 A Aldeia Kamuywa	32
1.7 A Aldeia Amomni	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	40

FONTES ORAIS	42
---------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso pretende discutir a história do processo de escolarização entre o povo Palikur habitante do Rio Urukauá, na terra indígena Uaçá, município de Oiapoque, no extremo norte do estado do Amapá. O objetivo é registrar e trazer elementos históricos que ajudem a descrever o processo de implantação da educação escolar no Rio Urukauá a partir dos estudos de Artionka Capiberibe e Antonela Tassinari, a primeira em dissertação de mestrado (2007), e a segunda em artigos científicos publicados entre os anos de 2001 e 2003. Além disso, o trabalho parte do testemunho das pessoas da etnia Palikur que fizeram parte desta história, entre as quais incluo a mim mesmo.

Ao iniciar meus estudos no curso de Licenciatura Intercultural Indígena comecei a ter a curiosidade em descobrir como foi a história da educação escolar nas aldeias indígenas do rio Urukauá. Este rio é um braço do rio Uaçá e é habitado pela etnia Palikur desde os tempos antigos. Este povo é falante da língua Palikur, do tronco linguístico Aruaque.

Para conhecer a vida e a história do povo Palikur, assim como daqueles que viviam e se educavam antigamente, é preciso aprofundar cada vez mais a pesquisa, para dessa forma organizar essa sabedoria com a realidade de hoje, para que possamos entender o que mudou e o que permaneceu no universo Palikur depois das escolas, dos professores índios e não-índios, dos livros e dos trabalhos com a língua materna.

Para realizar esta pesquisa recorreremos além do referencial teórico escolhido as entrevistas realizadas com os moradores das aldeias Kumenê, Flexa, Tawari, Kwikwit, Urubu, Amomni, Puwaytikete, kamuywa e Mangue I. Anotamos os testemunhos e informações, e também gravamos e transcrevemos algumas entrevistas que constam no corpo deste trabalho.

Historicamente, o povo Palikur sempre foi discriminado no estado brasileiro por não ter recebido a bandeira do General Rondon quando ele passou pelo Oiapoque no começo do século XX, e também por ter resistido a aceitar a instalação de escolas em sua terra. Então é preciso investigar o que essa resistência representou para a manutenção da cultura e da língua Palikur e também descobrir o porquê das outras etnias da região considerarem os Palikur como **atrasados**¹, **bravos** ou **índios de verdade**². Acreditamos que os processos variantes que ocorreram de maneira

¹ Neste trabalho, optamos em usar o negrito para destaque de termos.

² Entre os povos indígenas do Uaçá existe a percepção comum de que quanto mais distante da língua e da cultura nacional maior é o nível de **indianidade** de um povo. Na região do Oiapoque, índios de verdade é uma expressão muito usada por índios e não índios para designar esses níveis.

diferenciada entre as comunidades Palikur da região contribuíram para a construção da imagem e as críticas que o povo Palikur recebeu até os dias de hoje.

Por último pretendemos, entre nossos apontamentos, discutir as possibilidades que se abriram aos Palikur do Rio Urukauá, a partir dos trabalhos com a língua falada e escrita realizada pelos missionários Green³, primeiros a inspirar uma educação escolar em língua Palikur. O que acabou acontecendo em uma época em que a modalidade de escola indígena específica não existia no país.

Também é importante mencionar que este trabalho foi escrito ao mesmo tempo em duas línguas, sendo que no momento da descrição histórica a partir das fontes bibliográficas, prevaleceu a tradução do português para o Palikur e no momento de considerar a tradição oral, prevaleceu a escrita em língua Palikur que depois foi traduzida e compreendida para compor o corpo do trabalho em português. Agradeço ao meu amigo Nilo Martiniano, Palikur do Kumenê, um dos maiores conhecedores de nossa língua que me ajudou nesses trabalhos de tradução.

Dadas às explicações, este trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, abordamos uma história mais antiga do povo Palikur que começa com os registros dos navegadores espanhóis, franceses e ingleses e suas impressões sobre a nação Palikur, a organização social, a língua e a política regional. Este capítulo aborda a história dos Palikur do Urukauá até meados do século XVIII e XIX, tentando identificar os impactos do conflito colonial na vida, na reprodução e na reorganização cultural do povo.

No segundo capítulo, contamos a história mais recente do Povo Palikur a partir do laudo suíço de 1901, que define de que forma os Palikur do Rio Urukauá se tornaram definitivamente indígenas brasileiros, que precisam aceitar a tutela do órgão indigenista nacional. É também neste capítulo que abordamos o advento da escola entre o povo Palikur.

No terceiro e último capítulo, incluímos o testemunho dos mais velhos sobre a instalação das escolas nas aldeias menores e depois de forma definitiva na aldeia maior, Kumenê. É neste capítulo que prevalece a idéia de que, os Palikur – por muito tempo considerados o povo sem bandeira e sem escola – receberam a escola indígena de uma forma diferente de outras comunidades indígenas da região do Uaçá, isso como resultado da resistência dos mais velhos.

³ Os linguistas e missionários Harold e Diana Green chegaram à terra indígena Uaçá por volta da década de 1960 com a autorização do governo brasileiro para trabalhar com a língua Palikur e publicaram vários textos, entre eles: cartilhas escolares, gramáticas e a tradução do novo testamento em Palikur.

CAPITULO I

INETITAP MINIKWAK:

HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DO POVO PALIKUR NOS TEMPOS DA INVASÃO



Foto: Índios Paricurá do Rio Urukauá / Autor: Major Thomaz Reis / Fonte: RONDON(1953)

Nos dias atuais, as pessoas de etnia Palikur no lado brasileiro estão localizadas e concentradas na terra Indígena Uaçá, principalmente nas margens do Rio Urukauá. Esta concentração que acontece exclusivamente no município de Oiapoque soma uma população de aproximadamente mil e quinhentas pessoas que ainda falam a sua própria língua materna. São falantes e escreventes da língua que leva o próprio nome de minha etnia. Entre nós, chamamos nossa língua de Parikwaki, e sabemos que pertence ao tronco linguístico Aruaque. Os Palikur ainda mantém o idioma de origem, e também, preservam seus próprios sobrenomes de clãs ancestrais. A população está hoje distribuída em quatorze aldeias, a maior parte localizadas no vale do Rio Urukauá, sendo uma grande e principal que é a aldeia Kumenê. Esta tem maior responsabilidade em atender todas as aldeias pequenas com bens, serviços de saúde e educação feitos pelo estado. As menores são as aldeias Flecha, Monte Tipoca, Tawary, Urubu, Amomni, Mangue I, Mangue II, Kwikwit, Pwaytiket, Kamuywa, Yanawa e mais recentemente, as abertas na BR-156, que são as aldeias Iwawka e Kuahi.

Das etnias que sobreviveram à invasão do território guianense pelos europeus, é provável que os Palikur sejam os mais antigos a habitar o local, pois segundo Capiberibe (2007, p.156):

“Essas populações já moravam há muito tempo na região ao norte da foz do Amazonas. Sabe-se disso, porque, já na primeira década do século XVI, documentos de viajantes europeus relatavam a presença de uma numerosa sociedade indígena chamada Paricura, na foz de um grande mar de águas doces. Esta história antiga significa também que os Palikur estão há tempos em contato com os não índios. Fato este que não se deu sem traumas, pois, até meados do século XX, custou-lhes muitas vidas e a diminuição radical de sua população. Na documentação histórica e em suas narrativas orais, os Palikur são descritos como bravos guerreiros e navegadores, qualidades que, por certo, os ajudaram a sobreviver e estar hoje aqui presentes numa situação de crescente aumento populacional.”

A pesquisa de Artionka Capiberibe demonstra que o norte do que hoje compreende o estado do Amapá é desde o século XVI domínio do povo Palikur, o que é confirmado pelos registros dos primeiros europeus a adentrar a bacia do rio Oiapoque. A pesquisadora cita ainda a declaração do navegador Vicente Pinzón, que em 1513 já apontava a região como província dos Palikura.

Conforme Gallois (2003) consta que o termo que designa o etnônimo de meu povo foi sofrendo transformações e o vocábulo que deu origem a estas transformações pode ter sido *Parikwene*, que como explicam os Palikur ainda hoje, significa simplesmente **índio**, podendo ser aplicado a qualquer membro de uma etnia indígena.

Seguindo o registro de Pinzón é sabido que os Palikur eram suficientemente numerosos no início do século XVI a ponto de emprestar seu nome ao território que ocupavam. Entretanto, chegaram ao século XX com a população bastante reduzida devido a diversas epidemias, as deportações jesuíticas, aos caçadores de escravos e também por serem considerados aliados dos franceses, ainda sofreram a perseguição das tropas militares portuguesas.

A retomada do crescimento populacional ocorreu ao longo do século XX. Comparando os números do censo registrado sobre os Palikur do Urukauá em 1925 por Nimuendaju (1926), no qual a população total era de cento e oitenta e seis pessoas, o censo de 2002 registra um total de mil e onze pessoas (Funai/Oiapoque, 2002). Só nesta comparação nota-se um aumento populacional muito grande no decorrer do século XX. Os Palikur se encontram em franco crescimento demográfico chegando hoje a aproximadamente mil e quinhentos indivíduos apenas do lado brasileiro.

As muitas histórias dos contatos vividos pelos Palikur desde o século XVI apresenta, conforme Capiberibe(2007) uma variedade de atores – comerciantes e viajantes europeus, funcionários franceses e portugueses, tropas militares, escravos negros fugidos das Guianas, aduaneiros brasileiros e franceses, missionários católicos e evangélicos, entre outros, com os quais a natureza das relações travadas variavam: ora de acordo com as relações comerciais, religiosas e políticas, ou todas ao mesmo tempo.

Conforme podemos ver em Rondon (1953, p.143):

“[...] As perseguições dos portugueses, que temiam as relações comerciais entre os índios e os demais europeus que transitavam na região (franceses, ingleses, irlandeses e holandeses), acirraram-se neste período, resultando no extermínio de diversas etnias Arawak, entre elas os Aruã, considerados aliados dos franceses e, portanto, inimigos dos portugueses. No contexto de disputas pelo portal de entrada do rio Amazonas e territórios contíguos, o comércio estabelecido entre os Palikur e os outros europeus não poderiam escapar impunes as autoridades portuguesas, que passaram a tratá-los como inimigos [...]”.

As hostilidades dos luso-brasileiros com as populações indígenas tiveram também reflexos nos projetos dos missionários católicos que percorreram a região entre meados do século XVII e meados do XVIII (LOMBARD, 1928). Seguindo a estratégia de atrair os índios mais expostos às agressões dos portugueses, missionários jesuítas franceses tentaram por várias vezes instalar missões entre os Palikur. Porém, segundo Nimuendaju (1926, p.10) há registros apenas de uma única missão, que teria sido fundada em 1738 pelo padre Fourré e não teria durado muito tempo.

Há também os registros do navegador inglês Laurence Keymes, que em 1596 realizou uma expedição exploratória nas costas da Guiana, onde assinalou a presença de doze nações indígenas. Segundo este relato, no litoral, a parte ao norte do rio Oiapoque era ocupada por índios caribe. Mas a parte sul era ocupada por índios Aruaque (ARNAUD, 1984, p.12).

Também digna de nota é a guerra entre os Palikur aruaques e os Galibis do tronco caribe, que assumiram o etnônimo Kalinã. De acordo com Launey (2003, p.13-14):

“Os Palikur e Galibis viveram desde os primórdios da colonização as pressões e contrapressões geopolíticas francesas e portuguesas e depois brasileiras sobre a região. Dentro dos interesses distintos dos Estados coloniais, imperiais e republicanos sobre a região fronteiriça, os poderes político, militar, econômico e religioso eram instrumentos de conquista e de consolidação das estruturas geopolíticas intencionadas pelas potências nacionais em litígio [...]. Neste contexto as populações indígenas jogavam um papel fundamental de aliança, para o estabelecimento e fixação das fronteiras pretendidas, pois a elas caberiam, fazer o comércio, representar as nações europeias aliadas, fornecer homens para lutar e serem alvo de catequeses por parte dos colonizadores. Os franceses passaram então a procurar a amizade e a aliança com os Palikur de quem conseguiram a aquiescência, após os trabalhos missionários iniciados por volta de meados do século XVII, para dar combate aos Galibis que resistiam à colonização na região de Caiena.”

Conforme já foi dito, os Palikur do Rio Cassiporé(região do Cunani) que possivelmente são os mesmos do Rio Urukauá em função da proximidade geográfica, entram em guerra com os Galibis da região de Caiena, hoje conhecidos como Galibis Kalinã, no início do século XVII. Segundo Arnaud (1984, p.13-14), o fim do século XVII é caracterizado pelo esforço do governo de Caiena em apaziguar a guerra entre Palikur e Galibis que eles mesmos haviam incentivado.

Sabemos então que os franceses usaram os Palikur para eliminar a resistência que os Galibi vinham fazendo contra o governo francês na região. Em 1691, portanto já no final do século é selada a paz entre os Galibis e os Palikur.

O meu povo Palikur nunca se recuperou da queda demográfica que aconteceu nessa guerra e sabemos disso conforme assinalou Gallois em *Povos indígenas do Amapá e norte do Pará* (2003). A autora aponta que no ano de 2003, a população de Kalinãs somados na área da tríplice fronteira Brasil/Guiana Francesa/Suriname chegava a quase dezoito mil pessoas, enquanto os Palikur na mesma área não chegam a três mil indivíduos. O artigo *A história Palikur a partir da memória dos mais velhos* do indígena Ivanildo Gomes (2011) mostra também que nessa guerra o clã Palikur dos Kamuyene, **aqueles que nasceram com o nascer do sol**, desapareceu, foi extinto, dele só restando o registro na memória dos mais velhos. Foi também como fruto dessa guerra que os portugueses, e depois, os brasileiros passaram a ver o povo Palikur como aliado histórico dos franceses e arredios à política de integração brasileira.

1.1 PALIKUR NOS SÉCULOS XVII e XVIII

Conforme os escritos históricos já mencionados, para sobreviver e retomar o controle da região frente aos portugueses, os Palikur passaram por um processo de alianças políticas com outros povos locais como os Marauá e os Akiri. Grenand (1887, p. 21-29) também aponta os Palikur unidos com os Aruã, os Maye e os Tokoyene enquanto seguia a disputa territorial pelo controle do Amapá entre franceses e portugueses.

Esta foi uma das piores épocas para os Palikur, pois além da tragédia da Guerra e das pestes trazidas pelos brancos, meu povo também foi impactado pelos missionários franceses e pelos escravizadores portugueses. Além disso, a escravização entre os próprios povos indígenas era uma prática comum. Launey (2003) afirma que inclusive foram utilizados caçadores Wajãpi aliados dos portugueses na caça e escravização dos Palikur. Talvez os séculos XVII e XVIII foram o tempo em

que o povo Palikur esteve mais próximo de desaparecer, o que acabou acontecendo com muitas outras etnias da região do baixo Oiapoque. Carvalho (1959, p. 197) explica que:

“Durante o século XVIII, os índios palikur, maraon, galibi, arua, mayé e tokoyene resistiram à fixação efetiva das bases coloniais. E foram envolvidos nas contendas militares entre França e Portugal. Entretanto a falta de definição política (como consequência do Tratado Provisório, de 04 de maio de 1700, assinado em Lisboa entre Portugal e França) sobre essa região, estipulava que os portugueses podiam operar até a margem meridional do rio Oiapoque e os franceses até a margem setentrional do rio Amazonas é que de fato acabou por determinar a proeminência da ação indígena.”

Então, podemos pensar que o conflito entre os portugueses e os franceses que deixou a região da bacia do Oiapoque como área de contestado permitiu a reorganização indígena e o protagonismo Palikur devido os limites de fronteira não estarem definidos, portanto a área situada entre a foz do Amazonas e a foz do Oiapoque continuou a ser **terra de índio**⁴.

No litoral do Amapá, os índios aliavam-se aos franceses ou aos portugueses conforme se estendia a disputa entre estes pelo domínio da região contestada. Tanto portugueses como franceses organizaram expedições punitivas e de aprisionamento que objetivaram arregimentar força bélica e de trabalho, desarticulando a organização social dos inimigos nativos. Esta ação somada à ação catequética resultou no despovoamento da região ao longo de século XVIII (Ricardo, 1983, p. 7). As expedições de retaliação portuguesas massacraram e deportaram para o Pará os Aruã, sob a alegação de que eles se uniram aos franceses para resistir à influência da colonização lusa. Por volta de 1750, contudo, a região do baixo Oiapoque até o rio Calçoene era conhecida como zona de refúgio e segurança para as diferentes etnias indígenas.

Os índios que ali se assentavam, passavam a integrar um processo de fusão intertribal das mais diversas etnias, cujas principais foram os Palikur, os Galibi e os Aruás. Grenand (1987, p. 14-29) defende a ideia que a tendência à unificação dos povos indígenas do Oiapoque começou entre o fim do século XVI até ao meio do século XVII, quando os Maye desistiram de competir com os Palikur na região, passando progressivamente a empreender um movimento de relativa unificação regional, centrada sobre os Palikur. Por esse motivo, os funcionários do Serviço de Proteção ao

⁴ A expressão refere-se ao território neutro, antiga costa Palikur e futura área de contestado entre Brasil e França que por ser zona neutra entre os agentes coloniais, permite o relativo domínio indígena.

Índio encontraram autodenominações, tais como, **povos misturados** ou **gente do Uaçá**⁵ em locais onde historicamente habitavam mais de dez etnias apontadas nos escritos dos primeiros navegadores espanhóis e portugueses.

Nesta dinâmica de mistura de povos, a hegemonia Palikur se fez sentir pela festa aruaque do **Turé** e por uma liderança geral encarnada no grande chefe Anakayouri, que fugindo dos espanhóis no início do século XVII, habitou na região da Baía do Oiapoque. Outros grandes chefes foram vinculados aos Palikur de épocas mais antigas e à sua definitiva instalação no rio Urucaúá⁶. Os Palikur desta época souberam se unir para resistir à colonização portuguesa. Assim, do final do século XVII até meados do século XVIII, a organização e o comando dos Palikur se estendeu por uma área que abrangia desde as lagunas da região do lago Maiacaré até o rio Curipi. Foi uma época de se organizar e resistir para viver ou se dividir e morrer.

Durante todo o decorrer dos séculos XVIII e XIX houve uma dinâmica de ocupação, interiorização e distribuição dos remanescentes da grande nação interétnica comandada pelos Palikur na região do baixo Oiapoque. Essa reação permitiu receber índios e não-índios de vários pontos da costa brasileira que reagiam contra a colonização através de guerras, fugas e migrações. Nosso Inetitap Minikwak, nosso tempo mais antigo, foi a época em que o Palikur precisou demonstrar como nunca sua habilidade guerreira e política para permanecer até os dias de hoje.

1.2 EDUCAÇÃO DO POVO PALIKUR ANTES DE EXISTIR ESCOLA

De acordo com Brandão (2007) a educação não é o mesmo que escolarização, mas que a escola uma vez assumida ou imposta a um povo passa a fazer parte de sua educação. Isso significa que o povo Palikur tem seu jeito de educar e ensinar desde que ele mesmo existe como povo, mesmo que ainda não existisse a escola. A educação do povo Palikur é baseada na sabedoria dos mais velhos. O professor Palikur Thierry Ioiô, na cartilha *Você pode ler e escrever na língua palikur: Gramática sucinta da língua palikúr* (1997, p.33) afirma que:

⁵ Os Karipuna e outros povos remanescentes acabaram aderindo à fusão como estratégia de sobrevivência frente a colonização. As trocas matrimoniais que passaram a ser aceitas entre os séculos XVII e XVIII englobam Palikurs, Karipunas, Aruãs e Maraons e podem ajudar a explicar a dificuldade de definir diferenças étnicas, encontrada pelos funcionários do SPI quando chegaram ao Oiapoque em meados do século XX.

⁶ De acordo com Grenand (1987, p. 19) é exatamente a ação de chefia atribuída aos Palikur que contribuiu para fazer das costas do Amapá e da Baía do Oiapoque uma unidade cultural e política mais homogênea, segura e receptiva a diversos povos.

“Quando eu era criança meu pai me ensinou muitas coisas [...] Me ensinou o nome de todos os pássaros e animais. Também me ensinou a respeitar as pessoas. [...] Ele não me pedia para fazer coisa que eu não conseguia. Ele só me mostrou como fazer as coisas para que mais tarde eu pudesse imitá-lo. E então ele me dizia:

- Eu vou lhe mostrar. Faça assim como estou fazendo. [...] Depois que aprendi todas as outras coisas, ele me ensinou a fazer canoa. Quando consegui fazer aquilo, ele não me ensinou mais nada. Apenas me disse:

- Agora não vou mais ensinar você porque você já sabe tudo que posso lhe ensinar. No futuro você vai ensinar seus filhos da mesma forma que eu lhe ensinei. Meu pai sabe fazer muitas coisas. Por isso ele quer que eu seja como ele.”

Não temos muitos dados escritos sobre a educação Palikur no período antigo, mas a nossa tradição oral concorda com o relato do professor Thierry. A educação antiga do Palikur não tem uma instituição ou horário próprio, mas é feita pela transmissão de saberes baseados na relação familiar. Ela é sistemática porque passa por fases e da criança nunca se exige o que ela não pode fazer. A educação Palikur não tem escola, mas se reproduz de pai para filho com todos os saberes necessários a vida da pessoa indígena. Também sabemos que o povo Palikur foi entre todos os povos indígenas do Oiapoque o que mais resistiu a escola na sua comunidade. Existem muitas formas de pensar essa negação da escola, mas nenhuma delas é ainda conclusiva.

Uma hipótese é de que a escola pode ter sido negada aos Palikur por terem eles sido considerados muito bravos com relação aos brasileiros e aliados dos franceses. Outra pode ser pensada pelo fato dos Palikur terem sido os líderes dos povos do Uaçá por muito tempo e por isso não queriam aceitar a escola por ser uma forma de comando externo dentro da aldeia.

Tassinari (2009) acrescenta que os Palikur não aceitaram a escola porque não tinham amizade com o chefe do Serviço de Proteção ao Índio/SPI da época, Eurico Fernandes. E finalmente, a versão mais aceita entre meu povo é a que foi trabalhada pelo Palikur Ivanildo Gomes(2011), de que entre os líderes do povo Palikur existia a interpretação de que a escola era uma estratégia dos brancos de reduzir e preparar escravos, como aconteceu no passado, e por isso não quiseram.

O ponto é que a escola foi recebida de forma diferenciada entre os povos indígenas do Oiapoque e os Palikur foram os últimos a aceitá-la somente depois da intervenção dos missionários, e da insistência do Serviço de Proteção ao Índio/SPI, já no século XX.

Dessa forma, podemos afirmar então que a educação do Palikur antes da escola era baseada no saber ancestral, nas constelações, nas montanhas Tipoca e Ukupi, na riqueza dos alimentos e

animais selvagens que pastavam tranquilos no rio. As comunidades Palikur viviam originalmente da pesca e caça e tem seu lugar de educação na aldeia, no campo alagado, no igarapé, no lago. Então esses são os lugares da Educação Palikur antes da existência da escola.

CAPITULO II

INETITAP AVIMINIM: HISTÓRIA RECENTE E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO ENTRE O POVO PALIKUR



Foto: Professora branca com crianças Paricurá do Rio Urukauá

Autor: Major Thomaz Reis / Fonte: RONDON(1953)

De acordo com Meira (1989, p. 178), o laudo emitido pelo Conselho Federal Suíço que arbitrou o contestado Brasil/França em 1901, foi favorável a posse brasileira embasado principalmente no antigo tratado de Utrecht⁷. A partir de então, o governador do estado do Pará publica o decreto 398 de 21 de janeiro de 1901, que diz em seu artigo primeiro “*Fica incorporado ao Estado o território compreendido entre a margem esquerda do rio Araguari e a direita do Oyapock, com os demais limites que lhe foram determinados pelo laudo de Berna.*”

Após o laudo suíço de 1901, a região historicamente contestada entre o Brasil e a França que se estendia dos rios Araguari, Calçoene até o rio Oiapoque passa definitivamente a integrar o território brasileiro, sendo incorporado ao território do Grão-Pará . A partir de então e até os dias de

⁷ O tratado de Utrecht celebrado em 11 de abril de 1713 entre Portugal e França rezava em sua cláusula oitava “A navegação do Amazonas, assim como a de seus afluentes, pertencerá a Portugal, e o rio Oiapoque ou Vicente Pinzón, servirá de limite às duas colônias.” Importa destacar ainda que, o tratado de fronteiras setentrionais escrito por Silvio Meira em 1919 comenta que os administradores franceses radicados em Caiena viviam tentando convencer os habitantes da área do contestado que o rio Oiapoque seria, na verdade, o rio Calçoene, o Araguari e até mesmo o Amazonas grande, a fim de se apossarem da região aurífera entre o Oiapoque e o Calçoene.

hoje, as relações entre as populações indígenas da região e os não índios foram marcadas e controladas pelas políticas administrativas brasileiras. Quase trinta anos depois do laudo, em 1927, a visita da comissão de Inspeção de Fronteiras comandada pelo General Rondon concluiu que era necessário instalar na região um posto do Serviço de Proteção aos índios (SPI) e escolas nas aldeias (RONDON, 1927, p. 21). A estratégia brasileira era de claramente investir na garantia do território pela nacionalização das populações indígenas, processo que ficou conhecido na região como o abasileiramento dos costumes.

De acordo com Tassinari, no artigo *Da civilização à tradição: os projetos de escola entre os índios do Uaçá* (2003), em 1930 instituiu-se o primeiro posto do SPI, instalado em ponto geográfico estratégico, denominado de Encruzo por estar localizado no cruzamento dos rios Curipi e Uaçá, local de acesso e passagem obrigatória de quem vem do Oiapoque ou das aldeias Karipuna do Curipi em direção às aldeias dos Galibi-Marworno e Palikur. Quatro anos depois, duas professoras foram enviadas para as aldeias de Espírito Santo no rio Curipi e Santa Maria dos Galibis (atual Kumarumã) no rio Uaçá. Nesta época, os Palikur foram os únicos a recusar a implantação da escola em suas aldeias, associando este empreendimento à escravização. Só permitiram a instalação de uma escola após sua conversão ao pentecostalismo evangélico, quase quarenta anos depois da primeira tentativa.

Conforme constatou a visita do Marechal Cândido Rondon à região do baixo Oiapoque, os índios da região eram muito mais afetados pela cultura e língua francesa do que pela brasileira e era preciso retorná-los a cidadania brasileira. Segundo o próprio relatório de inspeção de fronteiras apresentado no texto *Plantando o currículo Karipuna e Galibi-marworno: uma história de autoria*, o autor deixaria registrado:

“Mostrei-lhes que, em vez da bandeira francesa que no dia 14 de julho estavam habituados a ver hastear em Saint-Georges e nos povoados da fronteira, era preciso de agora em diante que eles levantassem, no dia 7 de setembro, a bandeira brasileira símbolo da pátria da qual fazem parte. Prometi mandar a cada grupo indígena uma bandeira brasileira para ser levantada aos domingos e dias cívicos.” (RONDON apud TASSINARI, 1927, p.20-22)

O fato é que o meu povo Palikur não recebeu a prometida bandeira brasileira, não quis a escola e continuou a se relacionar e comerciar constantemente com os parentes que ficaram radicados em Saint Georges e em toda a Guiana Francesa.

A partir das diretrizes de Rondon, o SPI e as primeiras escolas começavam a tarefa de **abrasileirar**⁸ os índios da região. A afirmação de Tassinari coincide com o que é dito até hoje pelo meu povo na aldeia, os Palikur do Urucauá não receberam nem a bandeira do Brasil e nem a escola do estado, sendo por isso considerados diferentes e bravos pelas outras etnias que habitavam na mesma área. Até os dias de hoje no Oiapoque, os Karipuna que receberam a bandeira brasileira e as escolas são considerados índios adiantados, enquanto os Palikur são considerados ora como atrasados, ora como bravos, ora como índios de verdade.

O Serviço de Proteção ao Índio realizou a política nacionalista e integracionista para o qual foi criado e organizou a liderança de caciques; interferiu na produção econômica dos indígenas da região pela introdução de outras espécies de cultivos e junto com a criação das escolas e a vinda das professoras brancas, introduziu os castigos físicos e os trabalhos comunitários como forma de punir quem se desviasse das normas criadas pelo próprio serviço de proteção. Além disso, o SPI realizou trabalhos de identificação e distinção das etnias e seus remanescentes, descaracterizando a nação de povos **misturados** do Uaçá que, em tempos de guerra, era comandada pelos chefes Palikur. Mesmo com diretrizes comuns para as sociedades indígenas da região, a ação do órgão ocorreu de maneira diferente em cada comunidade como é o caso da implantação ou não implantação das escolas apontadas por Tassinari(2009). Desta maneira, enquanto o SPI mandava mais diretamente na vida dos Karipuna e dos Galibi-Marworno, esse controle era mais frouxo e distante entre os Palikur. Mesmo assim, ainda consta na memória e nas histórias dos Palikur mais velhos as humilhações que passavam nas revistas a que eram submetidos no posto do Encruzo, todas as vezes em que viajavam para a Guiana Francesa ou para o Oiapoque.

A partir da década de 1970 com a extinção do SPI e a criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), as coisas começaram a melhorar para os indígenas da região, porque a FUNAI sob a chefia de Frederico Oliveira juntamente com o Conselho Indigenista Missionário da igreja católica colocou-se ao lado dos índios contra a abertura da BR-156, que no traçado projetado cortava a terra indígena já demarcada separando os grandes rios de suas nascentes. Acabou prevalecendo a vontade do governo e os que se colocaram a favor dos indígenas sofreram perseguições, demissões e ameaças de expulsão da região.

⁸ A política de integração e nacionalização das populações indígenas instituída pelo SPI e praticada em todo o território nacional, no Oiapoque teve características intensas, pois, era necessário que os indígenas abandonassem a cultura e língua francesa para que pudessem se integrar a cultura e língua nacional e dessa forma, garantissem o ganho territorial expresso no laudo suíço.

Dos anos de 1930 até 1970, as escolas nas aldeias Kumarumã e Espírito Santo, por exemplo, ajudaram a mudar os costumes, o modo de ocupação territorial e contribuíram para o desaparecimento da língua materna dos índios, como é o caso do povo Karipuna, que atualmente tenta reaprender(na escola) a própria língua geral dos povos do Uaçá, que é o Kheuól. Naquela época não existia a escola indígena específica e diferenciada e nem mesmo uma constituição que defendia o direito dos índios. Então sabemos que os Palikur só receberam a primeira escola aproximadamente quarenta anos depois dos Karipunas e Marwornos, depois da extinção do SPI e da criação da FUNAI.

2.1 A CHEGADA DO EVANGELHO



Foto de capa de Uhokri Gannasan, a Bíblia em Palikur – e da Gramática Sucinta da Língua Palikur, trabalho dos Missionários Green(1997) e seus informantes. Fonte: Acervo do autor.

Segundo consta na tradição oral de meu povo Palikur da aldeia Kumenê, na década de 1950 não existiam moradores na ilha elevada do Kumenê. Os índios viviam espalhados, isolados uns dos outros, porque não tinham união entre eles, mas também porque ficaram com medo dos brancos que entravam por aqui naquela época mas antiga para nos caçar e aprisionar. Na pesquisa intitulada *Literatura Palikur* (Paula ,2009), o indígena Nilo Martiniano conta as primeiras experiências que seu pai, Paulo Orlando, teve com os missionários recém chegados. Nilo afirma que “A liderança mais forte na época eram os pajés, tudo o que eles falavam, mandavam fazer era obedecido”. E completa:

“[...] Até os anos de 1958 os indígenas ficaram descrentes com os pajés, porque os pajés verdadeiros começavam a morrer, os pajés que sabiam mesmo fazer remédios pra curar os doentes. Ficaram só os pajés que não sabiam fazer remédios, aprendizes e quando tentavam fazer remédios não davam conta e inventavam e começou a gerar um pequeno desgosto da parte da família dos doentes. Os índios já não aguentando mais começaram a sair matando os pajés. Com isso houve muitas brigas entre os Palikur”.

Por isso sabemos que a chegada do Evangelho e de seus agentes missionários, acontece entre os Palikur em um momento de muitas divisões e conflitos internos. Na pesquisa de Paula(2009), Nilo continua:

“[...] Quando estava acontecendo essa perseguição aos pajés, essa guerra entre o povo do kumenê, ele(meu pai) retornou e casou com mamãe e ficou aqui. Nessa época eles não eram religiosos, evangélicos e gostavam muito de festa, bebiam muita cachaça. Na época o costume era beber caxixi.[...]”.

Os costumes e, portanto, o processo de educação e reprodução cultural de meu povo já apresentava problemas por ocasião da chegada dos missionários. Podemos citar como exemplos a perseguição aos pajés e a “guerra” interna entre o próprio povo do Kumenê. O costume de beber **caxixi**⁹ já estava sendo questionado pelos problemas que trazia entre os índios. Sabemos também que nenhum tipo de liderança externa conseguia mudar esses costumes. Nilo cita, por exemplo, os governantes; o prefeito; e o pessoal da FUNAI, que eram impotentes diante dessas brigas que impossibilitavam as pessoas de se unir em uma só aldeia.

“Isso durou muito tempo, depois dos anos de 1964 pra 1968 já se ouvia falar aqui do evangelho, mais bem pouco. Poucas pessoas falavam do evangelho. Pessoas que também eram Palikur mais que saíram do Urukauá e moravam em São Jorge, viviam por lá. Alguns eram parentes do papai bem próximos. Esses parentes aceitaram a religião adventista e começaram a falar de Deus, dizendo que tinham um Deus, um fenômeno, uma pessoa chamada Rei dos Reis que é único de todo mundo, de qualquer pessoa. Essa pessoa não gosta de pecado, de briga, de mentira, que matem os outros, de qualquer coisa ruim, ele é pessoa boa.” (PAULA, GEMAQUE IVAN. História do Kumenê ,2009, p.08-09)

⁹ Bebida cerimonial alcoólica fermentada a base de amido de mandioca ou batata. Com o passar do tempo, o caxiri ou caxixi, que era a bebida reservada às cerimônias de união e agradecimento aos espíritos passou a ser usada também nas festas dos santos católicos e nos trabalhos comunitários.

A tradição oral diz que mais ou menos entre os anos de 1962 até 1964 chegou a nossa área um casal com uma equipe que variava em até cinco pessoas. O grupo era composto por um tradutor, um americano, sua esposa e o irmão dela. Consta que vieram todos dos Estados Unidos trazidos por um tenente chamado Wilson. Nessa época o único Palikur fluente em português era o senhor Paulo Orlando, pai de nosso narrador Nilo Martiniano:

“[...] Eu já tinha quase dez anos e me lembro muito bem quando eles pediram um lugar pro papai que os recebeu. Eles falavam para o papai que tinham um Deus e ele disse que também tinha um Deus e pegou uma estátua que guardava. O americano olhou, agradeceu e disse que um dia o papai iria conhecer Deus de verdade e começou a falar de Deus(...) Quando foi na terceira viagem deles o papai aceitou, ele e o irmão e já contavam mais de nove famílias e a aldeia começou a se formar e esse pastor evangélico americano disse que os índios deveriam se organizar que o Estado ajudaria mandando professores, enfermeiros para ajudar. O papai ficou como uma espécie de dirigente comunitário. Com a introdução do evangelho parou ou diminuiu o costume da aldeia que era só cachaça, ameaças, brigas e tudo que não prestava. Essas coisas não acabaram porque o pecado não acaba”. (PAULA, GEMAUQUE IVAN. História do Kumenê ,2009, p.09-10)”

Então de acordo com o relato de Nilo Martiniano, os missionários americanos ajudaram a ¹⁰pacificar a aldeia por meio da aceitação de um novo Deus. Ao mesmo tempo, prepararam o terreno para que o estado pudesse realizar novas tentativas de fazer funcionar uma escola definitiva entre os Palikur.

Algum tempo antes de movimento político de unidade dos povos indígenas do Oiapoque incentivado pela FUNAI e pelo Conselho Indigenista Missionário da igreja católica (CIMI), vimos então que os Palikur tiveram uma experiência com outro tipo de contato, o religioso não católico, que os distinguiria das outras etnias da área. De acordo com Artionka Capiberibe, em sua dissertação de mestrado *Batismo de fogo: Os Palikur e o Cristianismo* (2007) é a partir de 1965 que os linguistas do Summer Institute Of Linguistics (SIL), Harold e Diana Green, instalaram-se na aldeia Kumenê e iniciaram seu próprio aprendizado da língua Palikur. Este casal viveu no rio Urukauá por mais de dez anos. Nesse tempo eles estudavam a língua e incentivavam os pais a mandar seus filhos para a escola. A senhora Green também era enfermeira e cuidava dos doentes na região. Uns dois ou três anos depois que o casal Green já trabalhava na área veio um pastor

¹⁰ A história contada pelos missionários coincide com a tradição oral de meu povo. Os Palikur's encontravam-se nessa época em um grande processo de dissidência interna por causa das doenças e da mortalidade, que culminou com o assassinato dos pajés, por ocasião da chegada dos missionários.

missionário da New Tribes of Mission. O trabalho desse pastor apresentado pelos Green é considerado pelo meu povo como o início definitivo da evangelização. Foram suas pregações religiosas que exortaram os Palikur a aceitarem Jesus, batizando-se nas águas. Após este momento, pastores da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Macapá, capital do Estado, iniciaram a instalação de sede da Igreja na aldeia Kumenê, que foi depois consolidada pela consagração de um pastor indígena responsável por sua direção. Hoje, todos os pastores da Assembléia de Deus Palikur são nativos. É principalmente a partir dos trabalhos de sistematização e registro da gramática da língua Palikur realizada pelos Green, que meu povo começou a transição da língua oral para a língua escrita.

Aproximadamente nessa época – na história do Brasil registrada pelos não índios encontramos registrada a preocupação de indigenistas e antropólogos brasileiros com o trabalho e a interferência dos missionários estrangeiros do SIL na Amazônia brasileira. No decorrer dos anos setenta do século XX, o antropólogo e político brasileiro Darcy Ribeiro(2011) externava em publicações nacionais e internacionais sua preocupação com a atuação dos estrangeiros do instituto de verão entre os povos indígenas brasileiros, afirmando que os últimos: *“se identificam muito mais com estes gringos – que falam suas línguas, convivem com eles nas suas aldeias e lhes prestam toda sorte de assistência – do que com qualquer instituição nacional, inclusive os governos”*.

A partir do contato definitivo com os linguistas e missionários e com o evangelho que eles nos trouxeram nossa cultura e modo de educar mudaria muito. O trabalho de Paula(2009), registra o conflito de valores por exemplo, em relação aos ritos de morte, como a dança do Urubú:

“[...]A nossa cultura é boa, bonita, mas ela não é boa porque nas festas, por exemplo, nas festas de luto, a gente chama quando morre uma pessoa, um ano depois é feita uma festa onde é chamado todo o parente, todo mundo para festejar o *despedimento(gewkevem)*, como é chamada a festa de despedida da pessoa que faleceu. Eu não cheguei a ver os índios moqueando o morto, queimando não cheguei a ver, mas enterrando e marcando o ano de celebração desta festa pra despedida[...]”. (PAULA, GEMAQUE IVAN. História do Kumenê ,2009, p.09-10)”

2.2 AS MUDANÇAS NO MODO DE OCUPAR A TERRA E A CHEGADA DA ESCOLA

Segundo Gomes (2011), antes da chegada definitiva dos não índios na região do rio Urukauá, os povos da etnia Palikur viviam a maior parte do tempo nas margens dos rios e nas ilhas mais próximas, pois, achavam que perto da água, teriam menos dificuldade para a pesca, a caça, e a realização de seus afazeres. As moradias eram acampamentos na beira do rio, onde construíram casas de palafitas, chamada de *himekepket* na língua Palikur.

As famílias usavam as palafitas durante época de verão para facilitar a vida através do acesso da água. Essas casas eram comuns naquela época. Durante o inverno muitos passavam para a casa que haviam construído em terra firme e alguns decidiam morar definitivamente nas casas de palafitas.

Ivanildo Gomes cita a entrevista do senhor Manoel Antônio dos Santos (Seu Wet), onde ele afirma que a ilha Kumenê era toda de mata rica com vários tipos de animais e muitas pessoas costumavam caçar nela. Primeiramente, a ilha foi chamada *Devewveket*, que significa local de caça. Depois, o senhor Waramka e sua esposa Rosinha foram instalar sua casa naquela ilha. Este foi o primeiro habitante do Kumenê. Depois de Waramka veio o senhor Pol e sua esposa Araykwa, mãe do finado Pastor Paulo Orlando. Depois Seu Leon e Maria Tereza. Essas pessoas são conhecidas como os primeiros habitantes do kumenê. Tereza casou e fez sua casa, depois os seus irmãos também casaram. Esses três irmãos formaram três famílias e foi assim que começou a fundação da aldeia. Por isso, foi dito que antes da chegada da evangelização, o Kumenê tinha apenas três casas. Depois, foram chegando mais pessoas para se concentrarem numa só aldeia.

Ainda no trabalho de Gomes (2011, p. 11), vimos que entre as décadas de 1940 e 1950 ainda com o SPI, começaram as primeiras tentativas de aproximar os índios da etnia Palikur. Isso aconteceu em uma pequena aldeia chamada Sawahãp, localizada na montanha Ucupi para onde foram mandadas duas professoras. Um senhor Palikur que já tinha morado em Caiena foi quem começou a entender e aceitar a escola, e recebeu as duas professoras na sua casa. O senhor Serenício Ioiô, que é meu bisavô, foi a primeira pessoa a receber a escola entre os Palikur.

Vimos que na maioria das vezes, os Palikur recusaram a educação escolar do SPI. A duração dessas tentativas de educação para os índios Palikur foi de aproximadamente dois anos. Durante esse tempo, as professoras vinham até a aldeia para ministrar as aulas, mas os alunos não frequentavam, e elas nunca conseguiam terminar o ano letivo. Sabemos também que essas professoras não foram bem recebidas, bem obedecidas, pois, os habitantes não davam atenção ao

trabalho delas e no entendimento deles a educação escolar poderia tirar o tempo que os filhos têm com os pais e, no final, ainda poderia tornar o filho escravo do não índio. Essa era a preocupação que os índios Palikur tinham naquela época, porque a escola parecia não combinar com o seu modo de educar.

Somente a partir de 1958, o SPI teve mais a proximidade aos índios e tentou construir uma primeira Escola na aldeia Mawihi, onde tinha maior concentração de pessoas naquele tempo. Antes da instalação da nova escola no povo Palikur, o SPI já tinha demonstrado o seu trabalho levando presentes como muitos instrumentos de trabalho e também algumas festas.

Nessa época o SPI incentivava a feitura de grandes roças, onde plantavam milho, cana de açúcar, banana e mandioca. Criaram também uma regra para o trabalho na roça que consistia no seguinte: as pessoas que trabalhavam recebiam uma parte da colheita como pagamento pelo trabalho. Essa regra também foi uma das primeiras que incentivou o povo a pensar na comercialização. Gomes(2011), afirma que em todas as visitas que as pessoas do SPI faziam, elas levavam instrumentos de trabalho como presente. Esse contato fez com que os índios comessem ter mais ligação com o chefe do Encruzo. Então, quando os chefes reimplantaram a escola na aldeia, logo os povos a aceitaram e começaram a levar os seus filhos, e também algumas pessoas já tinham sido convencidas pelo SPI, ao mesmo tempo, nos relatos dos mais antigos vemos que muitos habitantes da aldeia não aceitaram a escola.

A partir de Arnaud (1969), sabemos que em 1945 houve uma tentativa de instalação de uma escola entre os Palikur, mas a direção do posto entendeu por bem não contrariar a maior parte dos velhos do grupo que consideravam tal coisa uma forma de escravidão. Nessa época, o inspetor do SPI decidiu respeitar a vontade dos mais velhos e enviou um aluno Palikur para estudar fora, tratava-se de Moisés Iaparrá.

Moisés¹¹ foi estudar no Rio de Janeiro, e formou-se, assim, o primeiro professor índio da região, somente depois dele é que o SPI conseguiu implantar uma escola no Urukauá em 1949, onde lecionou Moisés. Esse professor foi o principal informante dos missionários do SIL que se estabeleceram entre os Palikur. A partir da atuação desses missionários, o casal Harold e Diana Green, instituíram novos projetos de escola que passaram a ser realizados, inclusive com produção de material didático na língua Palikur (TASSINARI, 2003).

Mas as tentativas de implantar a escola Palikur foi ainda mais antiga do que em 1945. Segundo o major Thomas Reis(RONDON,1953), que esteve no rio Urukauá em 1936, existia uma

¹¹ Moisés Iaparrá do clã Wadahyene é o primeiro Palikur a se formar como professor. E nos dias de hoje é lembrado como patrono da escola entre o povo Palikur.

escola entre os Palikur que tinha trinta e um inscritos, mas só frequentavam vinte e um alunos. Ele registrou também que a existência de uma escola é um fato muito recente entre os Palikur e que estes índios ainda não estavam acostumados a mandar suas crianças para a escola que funcionou por alguns meses em 1936. Depois a nova investida ocorreu em 1945 ainda sob a responsabilidade do SPI.

Já por volta de 1964 outra escola Palikur, em caráter experimental, cessou suas atividades por causa da transferência de uma auxiliar de ensino. Em 1973, a escola de Kumenê, já tinha segundo registro da FUNAI, cento e oitenta e um alunos matriculados. Desses, setenta e três tinham faixa etária entre sete e quinze anos, e os restantes, (cento e cinco) frequentavam o curso do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), do qual também participavam os adultos. Havia então, três professores na aldeia, lecionando em caráter provisório, no templo protestante construído pelos próprios índios.

Segundo Cícero da Cruz, chefe do Posto Indígena Palikur de 1976 a 1978, quando ele chegou na área havia uma professora da FUNAI de nível secundário, com especialização pedagógica em escola normal, e em 1978 só estava funcionando as aulas do MOBRAL com o monitor indígena Moisés Iaparrá, enquanto não chegavam dois novos professores do governo do território. Ainda de acordo com as afirmações de Cícero, as mudanças e a falta frequente de professores, além do pouco interesse dos índios em aprender o português eram os principais problemas enfrentados pela escola.

CAPÍTULO III

HISTÓRIA DA ESCOLA PALIKUR CONTADA PELOS MAIS VELHOS:

Mawihi, Kamuywa e Amomni.

“[...] Pois naquele tempo os índios ainda tinham muita dúvida do não índio, isso fez com que eles não aceitassem a educação. Achavam que a educação poderia mudar a vida deles, fazendo com que eles esqueça as suas culturas. E já ouviam dizer que a educação traz muito conhecimento bom e no mesmo tempo conhecimentos ruim e os índios não sabem lhe dar com esse tipo de vida[...]

(GOMES, Ivanildo. A História dos Palikur a partir da Memória dos mais Velhos Unifap ,2011, p.12)

Importa explicar que neste trabalho de conclusão de curso, optamos não somente pelo estudo teórico dos textos históricos e os referenciais sobre os processos de escolarização do povo Palikur, mais também interessa destacar que este estudo se construiu alinhado aos saberes dos mais velhos como forma de fazer dialogar as teorias e os testemunhos dos protagonistas indígenas. Por isso as entrevistas realizadas por Gomes(2011) são importantes para este trabalho. Seguindo na mesma linha, para completar a pesquisa bibliográfica e dar voz ao meu povo Palikur, visitei algumas aldeias e gravei depoimentos com os mais velhos, que participaram ou assistiram as tentativas de escola entre os Palikur.

O Palikur Ivanildo Gomes, citando o depoimento do Sr. José Correia fala da desconfiança do meu povo Palikur com relação a educação escolar e seus efeitos, o que já foi confirmado pela pesquisa bibliográfica sobre a qual falei nos capítulos anteriores.

3.1 ALDEIA MAWIHI

Conversando com o senhor Manuel Antônio dos Santos, conhecido com seu Uwet, ele me informou que o seu Bisavô, o senhor Kiomny foi o primeiro morador da aldeia Mawihi por volta de 1900. A aldeia é chamada de Mangue na língua portuguesa e se localiza no Rio Urukauá, bem próximo à aldeia Kumenê. Podemos sair do Mangue e chegar ao Kumenê em trinta minutos numa canoa sem motor. A aldeia é muito antiga e foi formada por volta de 1930, conforme informa Seu Uwet:

“Antigamente há muito tempo atrás por volta de 1800 anos, essa ilha era todo rica de mata com diversos tipos de animais habitados... Essa ilha, ela tinha um dono... Onde foi habitada por ele... O bicho ele se chamava Mawihi, que os outros povos chamam Kurupira... Ele vivia nessa ilha, e por isso, foi batizado o nome da aldeia de Mawihi na língua Palikur. O atual nome na língua portuguesa se chama Mangue... Depois veio o primeiro morador dessa aldeia, senhor Uguissio, chama-se em nome Palikur que é Watu... Ele fundou essa Aldeia com a sua família... Eles moram há muito tempo antes dele falecer ele tinha entregado essa aldeia para o cunhado morar nela... Entregou para o senhor Kiomny, com esposa dele Avassy... Esse homem, ele morou um bocado tempo, ele tinha seu netos. E por isso ele tinha repassado a informação para avisar seus netos... Ele disse:

- Meus netos eu quero vocês mim ouve: essa terra foi doado para mim através do meu cunhado antes dele falecer, ele disse:

- Meu cunhado a partir de hoje eu despedir de vocês, mais única coisa eu disse pra vocês: não deixe a nossa terra, morem para sempre nessa terra... Vocês não podem abandonar a nossa terra e vocês multiplicarão nessa terra com família de vocês... Assim ele me disse: já vou deixa vocês, agora eu vou dizer pra vocês, não deixa a nossa terra... eu quero vocês e meus netos morram aqui mesmo como eu tinha morrido aqui... (...) assim perpetuamente assim podemos multiplicar e construir a nossa família na terra Mawihi.

É por isso eu estou aqui continuo morando com Datka, Tole, Kenke, Umbanvu e Pounay, o pai deles veio da outra aldeia, chamasse Aruwá... Ali eles nasceram, nessa terra que pertence à Guiana Francesa porque eles estão morando lá por causa que, naquele tempo tinha uma guerra Palikur com Galibi, quando os Galibi foram fugiram para lá na Guiana... Por isso, os Palikur foram atrás para acabar com eles só de uma vez, e por isso, os Palikur acaba ficando na terra de Aruwá de Guiana e até hoje tem Palikur da Guiana... Foi nascido lá mesmo, mas veio mora aqui com nós... Assim multiplicou a comunidade porque meu avô ele mim disse:

- Meu neto aqui no futuro você vai se procurado muito através de outras pessoas, e por isso, naquela época tinha muita pessoa nessa aldeia, quando chegou evangelho muitas pessoas estavam mudando na aldeia Kumenê por causa do evangelho, até eu tinha mudado por causa do evangelho mas sempre meu coração não esta tranquilo... Sempre eu lembra a palavra do meu avô como ele tinha dito para mim mais eu fez minha casa no Kumenê, morei dois anos mais o mesmo assim estou perturbado... Meu coração não dá prá morar aqui... Depois eu disse para minha esposa aqui não sei marisca, não é como na minha aldeia eu sinto bem tranquilo... Tenho tudo prá pega quando eu quiser... Assim eu voltei morar novamente na minha aldeia de posse, nessa aldeia aqui eu vou morrer assim como meu avô tinha falecido aqui aldeia Mangue, assim eu vou morrer aqui na minha Aldeia. Então hoje estou aqui vivo com muito conhecimento de antepassados que eu aprendo com pessoas ancestrais...”

3.2 ALDEIA KAMUYWA

Em entrevista concedida pelo senhor Bonifácio Ioiô, ancião que foi o primeiro Cacique da aldeia Kamuywa, ele me disse que:

“A Aldeia Kamuywa foi batizada através da comunidade porque muito tempo atrás... Ela tinha um homem que já morava com sua família lá... Onde esta Aldeia atualmente era nome de um homem chamado Kamuywa Batista, ele foi primeiro que fundou a Aldeia Mituba, esse que segundo o Senhor Yabuk Batista ele repassou a informação para sua família e o seu ex-genro o senhor Bonifácio Ioiô, ele disse quando o homem ele faleceu, a terra ficou de nome dele onde esta o senhor Yabuk Batista... Mora no outro lado ele já tinha morado na beira de rio ele já tem sua casa de palafita.

Quando o senhor Kamuywa tinha falecido de muitos anos atrás o seu Yabuk ele já tem sua família, quando eu tinha chegado ao meio dele e casei com sua filha ele mim disse vamos subir na terra lá onde o lugar de seu finado Kamuywa, para nós fazer a nossa casa, nós para mora nesse lugar... Assim eu tinha morado aqui na Kamuywa onde tem minha família com minha esposa e por isso eu tinha morado aqui... As pessoas transformaram Aldeia Kamuywa: era nome Mituba e atualmente nome da Aldeia Kamuywa. E até hoje a lembrança ficou daquela pessoa que foi morador dessa terra, principalmente da sua família de origem indígena dessa comunidade e atualmente muitas pessoas ainda continuam morando na Aldeia Kamuywa, da família de senhor Yabuk Batista... Ele já faleceu com três anos atrás, mas a sua família esta nela com suas outras pessoas que veio da outra Aldeia, como eu veio da Aldeia Mawihi... E, por isso, eu sempre se lembra da minha Aldeia Mawihi onde eu nasci junto com meus pais e meus avós... Eu sempre sentir a falta da minha Aldeia, não sou da Aldeia Kamuywa... Mas quando veio casar aqui com a filha seu finado Yabuk, era não tinha líder dessa Aldeia... Aí passou muitos anos depois veio cacique Paulo Orlando... Ele líder das Aldeias de Rio Urukauá... Ai ele mandou comunica a todos moradores de todas as Aldeias, ai ele fez a reunião para coloca cada líder de cada Aldeia... Ai que eu foi escolhido através da minha comunidade, ela não tinha escola aqui na Aldeia Kamuywa. A educação escolar ela começou com criação da Aldeia Kumenê, quando ela foi criada ela que recebeu primeiro a educação escolar na Aldeia Kumenê, e assim que as pessoas daqui da Aldeia Kamuywa, eles foram estuda na escola de Kumenê... Isso aconteceu há muito tempo atrás, aí os alunos da Kamuywa eles sempre iam estuda para Aldeia Kumenê de remo...

Todo dia e a noite eles estudaram de até terceira série... Os alunos começaram sentir a dificuldade de ir ao meio de chuva dia e noite uns até não suportaram mais de ir ao meio de chuva... Porque quando eles chegaram lá no Kumenê, eles ficaram todos molhados junto com seus cadernos... Muitas vezes eles sentiram vergonha de estuda com todos

molhados com seu caderno e passou muitos anos depois eles começaram não ir mais para escola... Porque está enfrentando uma dificuldade muito grande de ir todo molhado, e por isso, eles não foram mais estuda na Aldeia Kumenê... E quando eu(Bonifacio Ioiô), entrei como cacique através de escolha de cacique Paulo Orlando, aí eu foi o primeiro cacique que batalhou de pedir apoio através da reunião de assembléia geral de juntos ajuda de lideranças de duas etnias de Karipuna e Galibi Marworno, que ajudaram reivindica de implantação de educação escolar na Aldeia Kamuywa... era foi assim que aconteceu a implantação de educação escolar Indígena kamuywa... que fez a escola aconteceu de mês de janeiro 28 de ano 1997.

A educação escolar a primeira vez feita casa de palha e soalho de tábua, a educação escola feito através da comunidade, essa casa de escola durou muitos anos passou quando tinha caído tudo essa casa escola de palha de tábua... Ela terminou, aí que eu fui pedir por senhor governador Capibaribe... Quando ele chegou aqui na Aldeia Kumenê ele veio visita a comunidade Palikur... Perguntou o que eles queriam dentro de suas comunidades, ai cacique Bonifácio colocou a sua necessidade de implantação de uma escola de alvenaria... Duas salas de aula juntos com refeitório e alojamento dos professores... Mas ele mim atendeu que ele vai fazer primeiro a escola de madeira e depois no futuro ele vai fazer de alvenaria... Ai o Governador Capi, ele atendeu o meu pedido... Ele disse que ele vai fazer essa escola para comunidade Kamuywa, ele mandou fazer primeiro com soalho de tábua, cobertura de telha, todo cercado de tábua mais ele mandou fazer bem bonito e ele foi inaugura a escola de Kamuywa... Ai o governo Capi mandou primeiro professor Francisco de mês de janeiro de ano 1998, para atua na sala de aula... Ele que começou trabalha primeiro na Aldeia Kamuywa, ele passou mais de três anos, ele atuou na sala de aula sozinho na Aldeia Kamuywa... Depois quando chegou o ano de ele embora o governo mandou o professor Nei, ai ele veio trabalha no lugar de professor Francisco e depois o professor Nei trabalhou muitos anos ele foi embora... Veio à Professora Adalnisia, ela trabalhou muitos anos, ela mandou contrata o Aldinei Batista para ajuda ela atua na sala de aula na Aldeia Kamuywa... Para através de Professor Aldinei ajuda ela traduzir em língua Palikur porque os alunos, eles tem bastante dificuldade de entende a língua portuguesa... Porque eles só comunicar a língua materna Palikur mais através de um professor Indígena seria melhor para ela trabalha de fazer ensinamento muito melhor para os alunos aprender com mais facilidade assim pode trabalha com eles... Por isso, a comunidade hoje, eles tem a vida deles tinha melhorado muito com educação escola diferenciada... Os alunos, eles não tem essa dificuldade de enfrenta sofrimento como antes... Hoje é alunos de nível primeira a quarta series eles sintam muito bem tranquilo porque tem escola dentro da Aldeia deles, uma educação voltada para eles...”

3.3 ALDEIA AMOMNI

Na entrevista concedida pela senhora Regina Narciso, uma das primeiras moradoras da aldeia Amomni, ela nos conta sobre o histórico da escola na comunidade:

“Há muito tempo atrás não existiam moradores na Aldeia Amomni... Era somente a mata, naquele tempo a comunidade, eles já tinha Aldeia chamado Iwanpit (...) Eles fundaram Aldeia Ywanpit lá... Eles tiveram a primeira filha durante quatro anos de moradia... Eles viviam lá nessa ilha um bom tempo de moradia, bem longe de rio Urukauá do norte... Por causa eles tiveram muito medo dos brancos, e por isso, eles tem que procura uma moradia bem escondido... Onde os brancos não podem entra tão fácil, isso para eles uma grande proteção das suas vidas junto com sua família... Isso acontece com quase todos os Palikur, por causa de medo deles só saiam na beira de rio quando os campos de savana tiveram bem secos, eles tinham ponte de feito miriti com isso todos os Palikur têm esse costume de sair atrás de peixes e aves no campo de savana, eles mariscavam tanto no rio e igarapé... Três meses, eles queimavam na beira rio para fazer a limpeza na beira de rio para eles coloca a suas esteiras de junco e amarra mosqueteira... Todas as pessoas faziam isso, eles deixavam mulheres deles lá na beira de rio e eles vão marisca de todo tipo de peixes e aves eles pegavam muitos como pirarucu, tucunaré, aruana, tracajá, jacaré, pato, maguari, soco boi e jaburu... Esses tipos de animais que eles pegavam para suas alimentações com isso eles dependeram através da natureza para de busca de seu mantimento da sua vivência dentro da sua realidade, da sua cultura bem viva como de seus bisavôs viviam... Com esse costume e vivência de ancestrais de antepassado e eles continuaram com essa herança de vivência de bisavôs, deixaram para eles vivem perpetuamente com essa vivência para dura para sempre em geração em geração, como acontece de hoje como saíram de todo verão e quando chega inverno... Todos colheram as suas coisas de matérias foram volta de suas aldeias terminou de mora na beira... Todo mundo colheira a suas coisas para volta nas suas casas. Isso acontece todo ano e depois, capitão Senhor Major Iaparrá (Wadahyone), ele um considerado autoridade muito respeitado através da comunidade Palikur... Naquele tempo, os Palikur não são unido como hoje dia são todos espalhados cada família na sua moradia na ilha para os Palikur, eles viviam um costume muito mais tranquila da vida deles, mais o mesmo depois o capitão Major tem seus conselheiros, ele mandavam os seus conselheiros comunicar todos os moradores de família... Ele foi bem obedecidos através de cada família com ele uma grande autoridade para a etnia Palikur, mas morava com sua família. Ele mandou fazer uma casarão feito de palha bem tradicionalmente Indígena... Para ele fazer quando chama às comunidades para fazer reunião na Aldeia dele chamado Mawihi.

Lá, a primeira a pessoa que fundou a Aldeia e até hoje nome dele permanece na história da vida dos Palikur... Uma grande lembrança sempre ele foi um autoridade tão

objetivo de dirigir as comunidades no caminho certo do rio Urukauá... Faziam reunião com toda aldeia, naquele tempo ele moravam na aldeia Mawihi. Lá, Capitão Major decidiu reúne com todas as comunidades ele disse, hoje eu gostaria de reunir todas as pessoas mora perto de rio Urukauá... Veriam pra cá fazer a suas aldeias perto do rio Urukauá, por que não presta fica longe das pessoas e todos espalhados dessa forma, muito melhor reúne as pessoas ficarem unido porque quando acontece uma coisa tão grave no meio da família agente já está pronto de ajuda os outros... Quando ele esta enfermo, aí eles responderam seria muito melhor capitão para começa unir as pessoas para uma vida de moradia diferente de bem seguro, para outro nos ai as pessoas obedeceram ele saíram para perto do rio... Nós ficamos somente nos na Aldeia Ywanpit durante muito tempo... Nós passaram lá sozinhos todas as pessoas que moravam na outra ilha de perto de margem de rio e tem acesso livre das pessoas... Tanta de pesca e caça em qualquer lugar nos eles foram embora para mora perto de rio porque assim o capitão Major queria todos. Morassem quase unidos dos outro e depois o Capitão Major, ele observou que todas as pessoas estão perto de rio mais só uma família não esta morando como foi decidido na reunião... Ele mandou chama-nos para fala com ele, aí ele lá na Aldeia dele... Passou no outro dia nos foram conversa com ele nos perguntamos o que era que ele queria com nós, ele disse:

- Eu mandei chama vocês pra vocês venham fazer a casa de vocês, mas perto das pessoas porque vocês estão sozinho, isso não presta. Vocês ficarem ilhados sozinhos, eu vou da pra vocês ilha de Amomni, com minha decisão vocês tem que fazer as casas de vocês nessa ilha de Amomni. Foi assim aos com meu marido vieram fazer a nossa casa de ilha de Amomni, naquele tempo o meu marido, ele disse já que o capitão Major deu para nos essa ilha, eu vou fazer a nossa casa tanto na terra e tanto quando o campo fica seca vou fazer. Uma casa de palafitas porque quando fica seca agente vai mora na nessa Casa. Na beira de rio e assim o meu marido ele fez as duas casas de Amomni... Porque naquele tempo não havia mosquiteiras para todas as comunidades de utilizar a mosquiteira... Essa casa na beira de rio já serve como para proteção de muriçoca e carapanã...

Assim eu com meu finado Senhor Evilazio somos primeiros fundadores da Aldeia Amomni... Através de liderança Capitão Major por isso essa Aldeia foi uma história muito importante para comunidade Amomni... Nós tivemos sete filhos ao todo, com isso multiplicou a família... hoje tenho cinco família e muitos netos... A Aldeia era não tinha escola isso porque não tinha pessoa na Aldeia que sabe fala a língua portuguesa... Isso passou muitos anos, naquele dia só a FUNAI pode atender a qualquer comunidade Indígena, pode fazer seu pedido na FUNAI, naquele tempo não existia ninguém que sabe comunica na língua portuguesa, mas depois veio filho de seu Evilazio crescendo na Aldeia, ele foi primeiro aluno de Amomni... Ele estudou na Aldeia Kumenê, com isso ele aprendeu fala um pouco a língua portuguesa e Patuá e creolo da Guiana Francesa, ele tinha trabalhado lá e por isso ele sabe fala um pouco das línguas, com isso ele foi primeiro que lutou para pedir apoio para FUNAI... Fazer implantação da educação escola Indígena

Amomni... Junto com educação, saúde com isso seu pedido foi atendido através de chefe de posto FUNAI, na base Kumenê... Era Fabiano Silva de etnia Galibi Marworno, ele ajudou senhor Romeu para fala com administrado o senhor Mario Karipuna... Através dele conseguiu implanta a educação escola diferenciada Indígena na Aldeia Amomni... A primeira professora Indígena foi contratado através do governo de estado de Amapá, era Verônica Batista, ela foi primeira que trabalhou a fazer aula em minha casa... Ela trabalhou com ensino de primeira serie de bilíngue... Ela passou muito depois a comunidade de Amomni decidiram para construir a escola de casa de palha para professora verônica trabalha muito bem tranquila e depois a senhora Verônica saiu de fazer aula na Amomni... O diretor da escola de Aldeia Kumenê mandou o professo Fariseu Labonte e depois veio além da Verônica e Fariseu veio os outros professores: Silvana Felício, Tamar Ioiô, Thierry Ioiô... Esses professores da etnia Palikur, aí passou muitos anos Associação de Galibi Marworno (AGM) foi criado em ano de 2002... Ai ela assinava o convênio com parceria com governo de estado, assim ela mandou os professores da etnia Galibi Marworno para Aldeia Kumenê... Como naquele tempo não tinha muito os Palikur formado de segundo grau... Ai como os Galibi Marworno tinha muitos deles formado de segundo grau ai presidente de (AGM)... Mandaram muitos os professores para Aldeia Kumenê para atua na sala de aula tanto na Aldeia Kumenê e todas as Aldeias de rio Urukauá foram expandidas com professores de Galibi Marworno... Ai dois deles foram trabalha Aldeia Amomni, foi Orinaldo, Magno e Alice esses professores trabalharam na sala de aula na escola Indígena Amomni... lá eles trabalhavam com primeira, segunda e terceira série, eles comunicavam com monolíngue porque eles não sabem fala a língua materna Palikur... Porque eles não e língua deles por isso os alunos da escola Amomni ele sintam a dificuldade de fala a língua portuguesa... Mas com essa razão, a escola continuam funcionando até hoje dia as maiorias dos alunos estão de nível ensino fundamental, ensino médio e magistério... Hoje dia os alunos multiplicaram de várias níveis, séries, na Aldeia Amomni... Com isso facilita aprendizagem cada vez mais para os alunos porque o professor e da própria Aldeia que fala a própria a sua língua Palikur... Isso muito importante da vida de comunidade Amomni, cada vez mais esta desenvolvendo o conhecimento dentro da sua Aldeia... Um ensinamento voltada para melhora ainda aprendizagem para os alunos falando da sua língua própria e sua cultura tradicional... Assim a Aldeia foi crescendo com visão de busca de conhecimento, de desenvolvimento da comunidade e assim a suas vidas na Aldeia Amomni.”

Então, o que podemos perceber é que os depoimentos dos mais velhos em certos pontos concordam com as referências bibliográficas sobre a instalação da escola entre os Palikur. Concordam que foi um processo difícil e demorado, que aconteceu com muita resistência do povo e só funcionou sem interrupção a partir da mudança e da concentração dos Palikur no que hoje é a

aldeia do Kumenê. Os depoimentos também mostram que depois que o povo acostumou com a escola no Kumenê, as outras aldeias menores começaram a querer escolas, e isso foi acontecendo a partir dos acordos políticos principalmente na época do governador Capiberibe Pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão desta pesquisa de conhecimento da história da educação escolar entre os Palikur do Rio Urucauá, percebemos que as referências escritas de pesquisadoras não-índias, tais como Capiberibe(2007) e Tassinari(2001/2003), não entram em conflito com o que pesquisaram pessoas da própria etnia, mais por dentro do cotidiano da aldeia como o professor Palikur Ivanildo Gomes(2011). Portanto, a história da educação escolar entre os Palikur não tem ou apresenta grandes divergências históricas e o testemunho das pessoas mais velhas da etnia Palikur também confirmou isso.

O Palikur Ivanildo deixou registrado nas conclusões de seu artigo que *“A demora em aceitar os não índios em suas terras e a educação para seus filhos, isso é uma estratégia de defesa. Fazendo com que a língua, a cultura e o costume Palikur continuem viva, conhecida e fortalecida pelo grupo”*. Esta pesquisa nos levou a conclusões parecidas, embora ainda não definitivas.

De acordo com o que foi visto neste trabalho de conclusão de curso, eu acredito que o fato de ter resistido á escola na aldeia, aliada a outras questões, como por exemplo, o trabalho dos missionários com alfabetização e escrita Palikur pode ter contribuído para a manutenção da nossa língua e também para a criação de um modelo de escola que esteja mais ligado com a história do povo Palikur e de como nós vivíamos e nos educávamos antigamente. Então, é preciso sempre afirmar que a resistência dos nossos antigos foi boa, porque representou muito para a manutenção da cultura e da língua Palikur.

Se acreditarmos no que foi descrito por Tassinari, vamos perceber que a escola Karipuna, recebida com pouca resistência e que sempre assumiu o ensino monolíngue em língua portuguesa pode ter causado um impacto diferente e até pior na cultura indígena. Por isso, defendo o ponto que o povo Palikur, que foi por muito tempo discriminado por não ter a bandeira e nem a escola, foi o que melhor recebeu a escola estatal, porque esta instituição quando veio nos encontrou com a língua fortalecida pelos trabalhos que já tinham sido realizados pelos linguistas missionários com as gramáticas e traduções da língua.

Ficou claro também que a desconfiança de meu povo Palikur com a escola do estado só foi vencida com muito custo pela combinação dos trabalhos dos linguistas missionários, com as diretrizes e trabalhos de nacionalização das populações indígenas do serviço de proteção ao índio, que na maioria das vezes se combinavam.

Existe então a possibilidade de que pesquisas futuras poderão afirmar que as várias histórias de implantação de educações escolares indígenas na região do Uaçá não correspondem com a imagem que se tem dos Palikur, como povo atrasado ou arremido à cultura nacional. Só o tempo vai confirmar, mas eu acredito que nossa escolarização veio no momento certo porque podemos ter sido o primeiro povo do Oiapoque a receber uma escola que está a serviço da manutenção de nossa língua e costumes, e não o contrário.

Referencial Bibliográfico

ARNAUD, Expedito. *Os índios Palikur do Rio Urukauá: tradição tribal e protestantismo*. Belém: MPEG, 1984. 82 p. (Publicações Avulsas do MPEG, 38).

BATISTA, Verônica. SILVA, Adriana Meire (Org). *História da Aldeia Puwaytyeket: Mudança e Continuidades*. UNIVERSIDADE FEDERAL/AMAPÁ: Licenciatura em Educação Escolar Indígena-Ciências Humanas/ UNIFAP, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação* - São Paulo: Brasiliense ,2007.

BRITO, de Machado Edson. *A Educação Karipuna do Amapá no Contexto da Educação Escolar Indígena Diferenciada na Aldeia do Espírito Santo*. PONTIFICADO Universidade Católica de São Paulo PUC-SP: São Paulo, 2012.

CAPIBERIBE, Artionka. *Batismo de Fogo: Os Palikur e o Cristianismo*. FAPES/NUTI/ANNABLUME: São Paulo, 2007.

CARVALHO, Carlos Delgado de. *História Diplomática Brasileira* – Companhia Editora Nacional: São Paulo ,1959.

COUDREAU, Henri. *Chez nos indiens: quatre années dans la Guyane Française(1887-1891)*. Paris: Hachette ET Cie ,1893.

GALLOIS, Dominique T. e GRUPIONI, Denise F. *Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará: Quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* São Paulo: Iepé ,2003.

GOMES, Ivanildo. *A História Palikur a partir da Memória dos mais velhos*: Licenciatura em Educação Escolar Indígena-Ciências Humanas/UNIFAP, 2011.

GREEN, Harold; GREEN, Diana. *Você Pode Ler e Escrever na Língua Palikúr*: por Aldiere Orlando, Thierry Ioiô, Ivanildo Gomes, Elizabete Silva (gramática sucinta da língua Palikúr). Belém: Sociedade Internacional de Linguística ,1997.

GRENAND, Pierre. *La côte d’Amapá, de la bouche de l’Amazone a la baie d’Oiapoque, à travers la tradition orale Palikur*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém-Pará, n.s. Antropologia, v.3 ,1987, 77 p.

LAUNEY, Michel. *Awna parikwari: introducciona à la langue palikur de Guyane et de l’Amapá*, Paris, IRD Éditions ,2003 ,255 p.

LOMBARD, J. *Recherches sur les tribos indiennes qui occupient le territoire de la Guyane Française vers 1730*. Journal de la Societé des Americanistes, Paris: Societé des Americanistes, v.20 ,1928.

MEIRA, Sílvio. *Fronteiras Setentrionais: três séculos de lutas no Amapá* – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo ,1989.

MUSELINO, Álvaro Augusto Neves. *Migração, Identidade e Cidadania Palikur na Fronteira do Oiapoque e Litoral Sudeste da Guiana Francesa*. CEPPAC/Unb: Brasília, 2006.

NIMUENDAJU, Curt. *Os índios Palikur e seus vizinhos*. Manuscrito em fase de tradução por Thekla Hartmann, NHII/USP ,1926.

OLIVEIRA, Augusto. RODRIGUES, Randolfe (Org.). *Plantando o Currículo Karipuna e Galibi-Marworno: Uma história de autoria*. In: Amazônia, Amapá: Escritos de História. Belém: Editora Paka-Tatu, 2009.

PAULA, Gemaque Ivan(Org). *Literatura Palikur*. Kumenê: 2009.

RIBEIRO, Darcy. *Ensaio Insólitos* 2 Ed. Rio de Janeiro: Ludens ,2011.

RICARDO, Carlos Alberto(Ed.) *Povos Indígenas do Brasil*. V.3: *Amapá-Norte do Pará*. São Paulo: Cedi ,1983. P.18-39.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. *“Diário de Inspeção de Fronteiras”*. 3 anexos. Ministério da Guerra. Primeira Comissão Demarcadora de Limites , Belém, Pará ,1927.

RONDON, Cândido Mariano da Silva (org.). 1953. *Índios do Brasil – das cabeceiras do Rio Xingu, dos Rios Araguaia e Oiapoque* (vol. II). Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios / Ministério da Agricultura.

TASSINARI, Antonella. Da Civilização a tradição: os projetos de escola entre os índios do Uaçá. IN: Silva, Aracy L. da e Ferreira, Mariana Kawall Leal(orgs). *Antropologia, História e Educação: A questão indígena e a escola*. São Paulo: Global ,2001. P. 157-95.

_____. *No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: Edusp ,2003.

_____. *Missões Jesuíticas na região do Rio Oiapoque*. Boletim Antropologia em primeira mão/Programa de pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social ,2009, 12 p.

Fontes Orais

Depoimento do Senhor Manuel Antônio dos Santos(Seu Wet), sobre a origem da aldeia Mawihi(p.26-27), gravado na residência do ancião na aldeia Mangue I em 13 de dezembro de 2013. Documentado, traduzido e transcrito por Hélio Labontê.

Depoimento do Senhor Bonifácio Ioiô, sobre a origem da aldeia Kamuywa(p.27-29), gravado na residência do ancião na mesma aldeia, em 14 de dezembro de 2013. Documentado, traduzido e transcrito por Hélio Labontê.

Depoimento da Senhora Regina Guiome Narciso, sobre a origem da aldeia Amomni(p.29-32), gravado na residência da anciã, na aldeia Amomni em 16 de dezembro de 2013. Documentado, traduzido e transcrito por Hélio Labontê.